

Orquidário



Vol. 12, nº 1
janeiro a março de 1998

OrquidaRIO, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

Diretoria - Biênio 1997/98:

Presidente: Carlos A.A. de Gouveia.

Vice-Presidente: Paulo Dámaso Peres.

Diretor da Área Técnica: Raul Sudré Filho.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Carlos Ivan da Silva Siqueira.

Diretor da Área Administrativo Financeira: José Lousada.

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Antônio Clarindo Rodrigues. Biblioteca: Maria Stella N. Borges.

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani. Eventos: Flávio Alvim Leite. Relações Comunitárias;

Marta Guglielmi. Sócios: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto. Tesouraria e Finanças: Rudolf

Zimmermann. Patrimônio: Evandro Silva.

Secretária da Diretoria: Nilce CARLOS.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2. Alvaro Pessôa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

4. Hans O. J. Frank, 1994/1996.

Conselho Deliberativo, 1997/98:

Presidente:

Membros: Alvaro Pessôa, Hans O. J. Frank, Hans Kunning, João Paulo de Souza Fontes e Raimundo A. E. Mesquita.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Alvaro Pessôa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita.

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 6.0, Word 6.0 e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o Editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de OrquidaRIO e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (c) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

PREÇOS/RATES			
	1 ano	2 anos	3 anos
Filiação e Contribuição anual	R\$40	R\$78	R\$110
Overseas Subscription Rates	US\$40	US\$78	US\$110
Via aérea + acrescentar R\$15/ano - By Air Mail add US\$15 per year			

Toda a correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, Rua Visc. de Inhaúma 134/427, 20.091-000, Rio de Janeiro, RJ.

Tel./fax: (021) 233-2314

Orquidário

Revista trimestral publicada pela Orquidário
Vol. 12, nº 1, janeiro a março de 1998
ISSN 0103-6750

Índice

Textos

Página

Mensagem do Presidente	2
Uma variedade de <i>Cattleya labiata</i> Lndl. Por J. P. de Souza Fontes	3
Uma nova <i>Encyclia</i> da Bahia. Por Victorino Castro e Marcos Campacci	7
<i>Chytroglossa</i> , sp. nov. Por Irene Bock	10
A <i>Sophronitis</i> Nordestina. Por Augusto Burle G. Ferreira	14
As maravilhas de Assis. Por Raimundo Mesquita	16

Seções

Sementeira dos sócios	20
Pelas Livrarias	21
Cultivando	25

Neste Número

São apresentadas ao público orquidófilo duas novas espécies brasileira, assim como uma variedade de *Sophronitis cernua* para o Nordeste brasileiro. No campo horticultural fala-se de uma nova coloritura de *Cattleya labiata* e seguindo na programação editorial de apresentação de grandes produtores comerciais, entrevistamos Antonio Schmidt.

Créditos das Ilustrações

Páginas 4 a 6, João Paulo de Souza Fontes; 8 e 9, Marcos Campacci; Irene Bock, 11 e 13; 15, Augusto Burle G. Ferreira; 17 a 19, extraídas do Catálogo da Chácara Bela Vista, com permissão.

A Capa

"É uma excelente flor, suas pétalas são largas e arredondadas, unindo-se na parte superior, encobrindo a sépala dorsal. Na parte inferior, os seus bordos recobrem o tubo do labelo, que apresenta um lóbulo frontal, muito bem feito, tomado por uma mancha vermelho-solferino, que contrasta com o branco dos seus segmentos florais."

Esta *C. labiata*, é produto do cruzamento da *C. labiata* var. **semi-alba** "Odete" com a *C. labiata* var. **semi-alba** "Marina". O cultivo, a foto e o presente texto são do autor do artigo de fls. 2, João Paulo de Sousa Fontes

O ano que passou...O ano que começa...

Poucos terão observado que a OrquidaRIO mudou e mudou muito no ano que passou. Talvez porque tenha sido uma mudança pouco perceptível e sem externamentos grandiloquentes, foi mais uma transformação interna, mais na alma.

Devo tentar explicar isto, embora uma das mudanças seja muito visível e importante, pois, de certa maneira, a nossa Sociedade tornou à casa. Depois de 11 anos de criada e sempre dependendo da boa vontade de sócios e amigos que lhe cediam espaço para funcionar, depois de tudo isto, a nossa Sociedade tem hoje a sua casa, a sua sede. Volta à casa por assim dizer, visto que o lugar que ocupamos hoje é a sede da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, de onde saiu, em cisão, a OrquidaRIO.

Depois desses anos todos e tantas peripécias, voltamos, inclusive, para resgatar o passado e o prestígio da SBO.

Mas não é essa a mudança que considero mais importante e não é dessa que quero falar, mas daquela que, embora consequente desta, significa a decisão de viver um novo rumo, mais autêntico, o seu próprio caminho. Sem abdicar do passado, do belo currículo de realizações que orna o seu curto, mas tão expressivo passado, tem a OrquidaRIO vivido, desde o ano que passou, das suas próprias forças. É, finalmente, uma sociedade com virtudes, defeitos e limitações, como qualquer outra, mas é ela própria.

Por que estou dizendo isto? Porque, além de ser esta a mudança de que falei no início, é evidente que a nossa associação vai chegando à maturidade, com fisionomia e vontade próprias. Isto explica, também, certas carências que os nossos sócios detectaram e de que vêm reclamando. Uma dessas carências são os atrasos na publicação ou na distribuição de Orquidário. O problema, digo sem rebuços, é, mesmo, falta de dinheiro.

Para assegurar a consecução da nossa Sede, tivemos que dispendir muito dos poucos recursos que nos vem das únicas fontes de renda permanentes com que conta a Sociedade: a contribuição dos sócios; as receitas de publicidade e os resultados obtidos nas exposições. Isto é o com que conta a OrquidaRIO para manter os seus serviços e para publicar a revista. É pouco, bem pouco.

Decidiu esta Diretoria que ser dirigente é um encargo honroso e, também, pesado, mas que não deve ser agravado, como tem sido e foi no passado, com o prejuízo pessoal daqueles que, com seu esforço, fizeram e ajudaram a entidade a crescer e a chegar onde ela está.

Faremos tudo que possível pela OrquidaRIO e este compromisso está sendo e será mantido, mas entendemos que a sociedade é de todos que a querem viva e que todos tem responsabilidade pelos destinos da nossa associação.

Por isto o apelo que quero fazer, que faço agora: estamos reavivando o Fundo de Apoio à OrquidaRIO, que, no passado, deu tão bons resultados. É para ele que pedimos aos sócios que contribuam. Não precisa ser muito. Se cada um de nós, contribuirmos, de quando em quando, com pequenas quantias, a escala será grande e fará melhor a nossa aliança em torno das orquídeas, aliança que é a OrquidaRIO.

Carlos A. A. de Gouveia

P.S. - Ligue para o telefone (021)233-2314, da nossa Secretaria, para informar-se de como fazer a sua contribuição para o Fundo de Apoio à OrquidaRIO.

CATTLEYA LABIATA LINDL.

VAR. SEMI-ALBA TUBULAR.

JOÃO PAULO DE SOUZA FONTES (*)

PARA ENTENDEREM, O PORQUE, do destaque especial que estou dando ao colorido desta *Cattleya labiata*, considerando-o como uma nova variedade, tenho que ser um pouco repetitivo nas minhas recordações, sobre o início da orquidofilia brasileira.

Como todos sabemos, nos primórdios deste século, as nossas matas, que, em outras épocas, foram devastadas por coletores de plantas, de outros países, passaram a sofrer incursões de coletores nacionais, que se embrenhavam pelas florestas, em busca das tão cobiçadas "orquídeas". Foi assim que se formaram as nossas primeiras coleções de espécies brasileiras.

Em princípio, os colecionadores se contentavam, em ter, uma simples muda de orquídea, mas, com o passar dos anos, começaram a ficar mais exigentes, não só para valorizarem suas coleções, como, também, para criar novas motivações, aumentando o interesse pelas disputas nas mostras de plantas. Assim, foram se formando as sociedades orquidófilas, realizando-se, então, as primeiras exposições de orquídeas. Inicialmente, foram regionais, depois passaram, a estaduais, a nacionais, a internacionais, culminando com a Mundial de 1996.

Seguindo o exemplo, do que, já acontecia em outros países, estabeleceu-se padrões de um belo-convenciona para os coloridos e formas das diversas espécies de orquídeas. Com estas disputas, passaram-se a fazer seleções entre as plantas coletadas, procurando atingir-se os parâmetros dos

padrões estabelecidos.

Para se conseguir uma planta que preenchesse os conceitos estabelecidos, era preciso fazer uma escolha entre centenas e centenas de plantas, e, muitas vezes, não se conseguia selecionar nenhuma que agradasse. As mais comuns, eram as "lilás com o labelo purpúreo", classificadas como "tipo". Dentro desse colorido, a seleção era mais rigorosa, pois tinha-se um maior número de plantas. Já outros coloridos e desenhos eram encontrados em menor quantidade, tornando a seleção mais difícil. Quando se conseguia, uma *alba*, uma *caerulea*, uma *suave*, uma *semi-alba*, uma *concolor* era um acontecimento, pois eram consideradas verdadeiras raridades.

Assim, o conceito do belo, estabelecido como padrão, tinha que se adequar, não só a cada variedade de colorido, como, também, à espécie da orquídea, não se podendo exigir o mesmo nível de perfeição para todas, tendo que se respeitar, o padrão máximo, alcançado em cada uma. Vemos pois, como era difícil, encontrar-se uma planta que reunisse os requisitos exigidos pelos colecionadores.

Os orquidófilos, realizavam de tempos em tempos, em seus orquidários, uma mostra das plantas conseguidas, reunindo, nessa ocasião, alguns companheiros. Quando conseguiam uma raridade, era motivo de satisfação tão grande, que, muitas vezes, promoviam comemorações para festejar o acontecimento. Nestes encontros, eram relatadas as peripécias para se conseguir a nova "jóia". Assim, quase todas as

plantas chamadas de “cabeceira” tinham um histórico.

Como acontece com todos os colecionadores, há um sentimento de exclusividade, pela posse, da obra rara, e para se conseguir um corte de uma planta selecionada, era uma verdadeira dificuldade. Por vezes levava-se mais de um ano para atingir o tão cobiçado objeto e, mesmo assim, isso era antecedido de uma série de recomendações e observações, até mesmo quando a planta era comprada. A concordância da troca ou presente, era uma demonstração de amizade, confiança e consideração. Quando não se tinha um corte disponível, marcava-se na planta, o nome da pessoa, a quem, se tinha prometido a muda.

Formaram-se, assim, famosas coleções de orquídeas, que chegaram a ter projeção mundial, abrindo o caminho para divulgação da nossa orquidofilia. Foi com o esforço destes pioneiros que surgiram as plantas matrizes, que, muitos anos mais tarde, com o advento de “Knudson”, vieram a ser usadas em fecundações, perpetuando, assim, as nossas espécies de melhor nível. Iniciou-se, então, uma nova era para nossa orquidofilia, não se precisando mais tirar plantas das matas.

Surgiram destas fecundações, clones belíssimos que muitas vezes, suplantaram as características de seus progenitores, e normalmente, mantendo os seus coloridos originais.

Com o aparecimento em maior quantidade destas novas plantas, tornou-se muito mais fácil conseguirem-se plantas de melhor gabarito e, assim, foi acabando, pouco a pouco, o “tabu” da raridade. As “*albas*”, “*caeruleas*”, “*suaves*” etc., que, antes, apareciam uma em mil passaram a ser conseguidas em maior quantidade nas auto-fecundações e intercruzamentos. Diante desta revolução, o padrão das plantas melhorou muito, obtendo-se um percentual maior de clones com a perfeição exigida.

O conceito do “belo” foi mudando, ficando mais rigoroso do que era no passado, tanto que muitas plantas que ocuparam um certo lugar de destaque são consideradas, hoje, como ultrapassadas. No entanto, no meu entender, essas plantas, devem ser mantidas em nossas coleções, não por saudosismo, mas pelo respeito à tradição vinda de um passado que ajudou a formar o nosso presente.

No começo, essas fecundações foram feitas somente por estabelecimentos comerciais, depois, alguns orquidófilos, se aventuraram a fazer suas próprias sementes, e hoje, com as facilidades que foram surgindo, grande parte dos colecionadores produz os seus próprios clones.

Um dia foi feito o cruzamento de duas tradicionais *labiata*s semi-albas, “Marina” com “Odete”, plantas originárias das matas. Não se sabe o porque, nem como surgiu a idéia desse cruzamento, pois, se analisarmos estas plantas, veremos que, não são possuidoras de predicados de primeira grandeza.

Como se pode ver da foto, a “Odete” não possui grandes atributos, deixando muito a desejar. O seu colorido também é comum, tendo somente o seu labelo como atrativo. Já, a “Marina”, apresenta uma melhor composição, e, o seu colorido é mais



C. labiata “Marina”

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

harmonioso.

De um cruzamento que, a princípio, parecia ter sido feito, sem nenhum critério, surgiram clones belíssimos, resultando diversos coloridos, como: "rosadas" - "lilás" - "semi-albas", surpreendendo a todos os orquidófilos.



C. labiata "Odete"

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

importante é que esse cruzamento foi feito dentro de uma mesma espécie, tratando-se, portanto, de uma verdadeira *C. labiata*, não havendo, pois, deturpação da espécie.

Ressalvo que a classificação adotada não tem pretensão a conceito botânico, mas sim horticultural e orquidófilo, submeten-



C. labiata semi-alba 'Chão de Estrelas'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

O registro mais importante dessa sementeira é que, dele, surgiu uma nova variedade de colorido de "labiatas", com características jamais encontradas em plantas apanhadas nas matas, ou, mesmo, de outra sementeira feita dentro desta espécie. São flores que, à primeira vista, apresentam-se totalmente brancas, mas, ao serem melhor examinadas, vemos, no interior do tubo do labelo, estrias solferinas, que não atingem o lóbulo frontal. Como o branco dos segmentos florais é quebrado por outro colorido, além do tradicional amarelo que caracteriza uma "alba", não podemos considerá-la como tal, mas sim como uma semi-alba, e, como essa ocorrência é localizada somente no interior do tubo, podemos chama-la de "tubular". Assim, depois de discutir o assunto com outros orquidófilos, obtive consenso para classificá-la como, var. "semi-alba, tubular". O



C. labiata semi-alba Agnus Dei

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

do-se, portanto, essa designação para esta variedade à aprovação dos experts.

Ilustrando este trabalho, apresento alguns clones de *C. labiata* var. semi-alba tubular, que exemplificam este colorido.



C. labiata semi-alba 'Monte Cristo'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes



C. labiata semi-alba 'Imperator'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes



C. labiata, solferina 'Adriana'

Foto e cultivo: J. P. de Souza Fontes

Vejam as fotos desta página.

Além destes clones tenho alguns outros, sendo do meu conhecimento que outros orquidófilos também possuem plantas com essas características, o que justifica plenamente considerarmos este colorido, como uma nova variedade dentro do reino das "*labiatas*".

Antes de finalizar, gostaria de registrar, um clone de *C. labiata* encontrado, há muitos anos, na mata, cujo colorido apresenta uma ligeira semelhança com o que estamos exemplificando, mas que mostra as veias do interior do tubo, estendendo-se pelo frontal do labelo, enquadrando-a como uma variedade venosa, e não tubular.

É a tradicional "Adriana", que, quando foi encontrada, o seu possuidor, ficou tão empolgado que deu um churrasco para mostrá-la aos companheiros. Até os dias de hoje, foi a única planta que apareceu com este colorido. Sua forma não é das melhores, o que, neste caso, é secundário.

Se o surgimento da *C. labiata* var. semi-alba tubular tivesse tido lugar em outras épocas acredito que o seu destaque teria sido, bem maior. Possivelmente teríamos tido encontros e muitas reuniões para divulgar e curtir o acontecido. Mas hoje sinto que aquele entusiasmo vem diminuindo e tais comemorações tornam-se cada vez mais raras.

Assim, como eu vibrei com as florações destas *C. labiatas*, achei que deveria registrar este acontecimento, divulgando algumas destas maravilhas da natureza, que a mão do homem criou para enfeitar as nossas coleções.

(*) Rua D. Delfina 114, Tijuca
20.511-270, Rio de Janeiro, RJ

Nova Espécie de *Encyclia* do Estado da Bahia

Vitorino Paiva Castro Neto (*)

Marcos Antonio Campacci (**)

Abstract

In the present paper, one new taxon for the science is described on the genus *Encyclia*, subgenus *Encyclia*, section *Encyclia*, *Encyclia kundergraberii* P. Castro & Campacci sp. nov., from the short trees forest of "Chapada Diamantina", Mountains in the Bahia state, Brazil. It is found in the same place where *Cattleya tenuis* Campacci & Ved. is founded.

Resumo

Nova espécie de *Encyclia* Hooker (Orchidaceae), subgenus *Encyclia*, seção *Encyclia*, *Encyclia kundergraberii* P. Castro & Campacci sp. nov., planta epífita das matas ralas da Chapada Diamantina, encontrada junto com *Cattleya tenuis* Campacci & Ved.

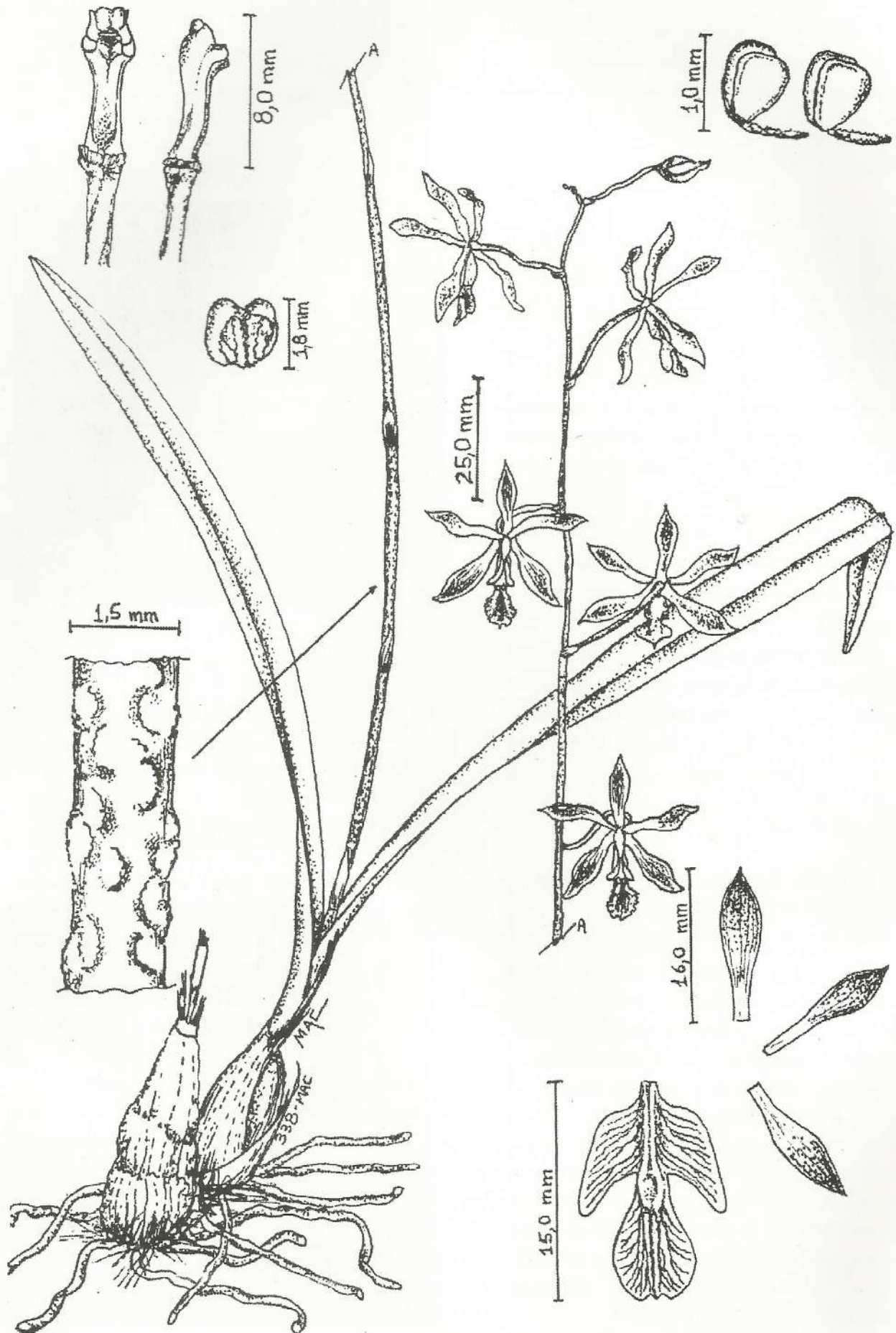
Encyclia kundergraberii P. Castro & Campacci sp. nov.

Epiphítica in genere minoris, floris minoris. Racibus tenuis, glabris. Rhizoma valde abbreviatum. Inflorescentia paulo paniculata, arcuata, pauciflora. Sepalis lanceolatis, viridis, a dimidiis usque ad terminus bruneis. Petalis spathulatis, coloris similiter sepalis. Labellum trilobatum, lobis lateralis subquadraticis, leviter amplexis usque ad lobo medianum, hic orbiculatus cum venis altis et in dimidio roseo, in disco callo carnosus profundo bifido aucto. Columna alata, fere trigona, obscure sigmoidea.



Encyclia kundergraberii, flor dissecada.

Epífita, pequena entre as do gênero. Rizoma quase nulo. Raízes finas, brancas, glabras, com 1,00 mm de diâmetro. Pseudobulbos cônicos, de até 4,00 cm de altura, por, até, 2,50 cm de espessura, inicialmente recobertos com bainhas, que, posteriormente secam e se rompem; geralmente com 1 ou 2 folhas apicais. Folhas de até 26,0 cm de comprimento por até 1,3 cm de largura, coriáceas, lisas, oblongo-lanceoladas, acanoadas. Inflorescência apical, ereta, racemosa com raras panículas laterais, de 35,0 cm a 65,0 cm de comprimento por 1,5 cm de espessura, com até 12 flores, envoltas por brácteas amplexicaules, lanceoladas, de até 1,0 cm de comprimento por 1,5 cm de espessura, estas espaçadas umas das outras, em até 5,0 cm. Rácemo, cerca da metade da inflorescência. Flores, relativamente pequenas para o gênero, de 2,6 a 2,9 cm de diâmetro entre as sépalas, espaçadas uma das outras, em, aproximadamente, 2,5 a 4,5 cm. Bráctea



floral, triangular, diminuta, de 1 mm de comprimento. Ovário, pedicelado, de 2,4 cm de comprimento por 1,0 mm de diâmetro, rugoso. Sépala dorsal lanceolada, ápice agudo, verde, de castanho amarelado a castanho avermelhado do terço da base em direção à extremidade, de 1,4 cm de comprimento por 0,5 cm de largura. Sépalas laterais, lanceoladas, assimétricas, da mesma cor e igual comprimento e largura que a sépala dorsal. Pétalas, espatuladas, mesma cor das sépalas, de 1,4 cm de comprimento, por 0,4 cm de largura. Labelo, trilobado, de 1,6 cm de comprimento total por 1,3 cm de comprimento entre as extremidades dos lobos laterais do labelo, esplanados, estes envolvendo a coluna e na extremidade se abrindo e mostrando o polinário da coluna; o lobo mediano é orbicular-elíptico, de 0,6 cm de comprimento por 0,8 cm de largura, de fundo branco, variando de venulações pouco a intensamente coloridas de rosa, que partem do disco carnososo que se encontra no istmo entre os lobos laterais e mediano; a borda se apresenta branca e ligeiramente ondulada; os lobos laterais são sub-retangulares com extremidades arredondadas, avançando sobre o lobo mediano, de 0,7 cm a 0,8 cm de comprimento, de cor creme com veias púrpuras paralelas ao longo de todo o lobo; do istmo supra citado, este de 0,3 cm de comprimento e entre os lobos laterais se estende um disco carnososo que se divide em duas carenas que avançam ligeiramente sobre o lobo mediano. Coluna, branca, face anterior rosa, de seção triangular, biauriculada, ligeiramente sigmoidea, de 0,9 cm de comprimento, por 0,2 cm de largura. Estigma, triangular, côncavo. Rostelo, subquadrático, branco, lateralmente apiculado. Antera, branca, subquadrática. Políneas, 2, amarelas, de 1,0 mm de comprimento.

Etimologia: Em homenagem ao descobridor e amante de *Encyclias* Hermann Kundergraber.

Tipo: Brasil, Estado da Bahia, Município

de Morro do Chapéu, altitude 800 m, florindo em cultivo a 10.12.1997 (Holotypus: SP).

DISCUSSÃO

Poder-se-ia pensar, à primeira vista, que se trata de *Encyclia seidellii*, porém logo se nota uma série de diferenças. Rizoma agregado em *Enc. kundergraberii* enquanto este é longo em *Enc. seidellii*, planta epífita, enquanto que *Enc. seidellii* é rupícola, folhas longas e estreitas, enquanto que em *Enc. seidellii* estas são curtas e mais largas, inflorescência curta e haste fina, enquanto que em *Enc. seidellii* esta é muito longa e mais grossa, lobo mediano do labelo mais largo que comprido enquanto que em *Enc. seidellii* este é o inverso. *Enc. seidellii* é endêmica da região de Diamantina, no estado de Minas Gerais, ao passo que *Enc. kundergraberii* encontra-se a mais de 1000 km de distância, ao norte da Chapada Diamantina, no estado da Bahia.

Bibliografia

Carnevali & Ramirez, in "Boll. Com. Orquid.", Soc. Ven. Cienc. Nat. 23: 13-87.1998
Pabst & Dungs, "Orchidaceae Brasilienses"

□ Rua Vicente Galafassi, 549
09.770-480

□ Rua Glória do Goitá 86,
03.222-010, São Paulo, SP



Encyclia kundergraberii

Foto: Marcos Campacci

Chytroglossa.

Uma nova espécie brasileira

Irene Bock(*)

Trad. Waldemar Scheliga

Summary: The genus *Chytroglossa* was created by REINCHENBACH f. in 1863. Till today 3 species were published. To the Brazilian genus here is added a recently found new one.

Resumo: A descrição do gênero e das duas primeiras espécies foi publicada por REINCHENBACH f. (3). A terceira e última espécie conhecida até agora foi descrita por Gustav EDWALL (2).

Chytroglossa Rchb. f. f.1863

Chytroglossa marileoniae Rchb. f, 1863

Chytroglossa aurata Rchb. f; 1863

Chytroglossa paulensis G.Edw. 1903

J á em 1856 REINCHENBACH f., em conjunto com o grande botânico inglês Edwall, teve a sua atenção despertada para uma inflorescência dessa pequena orquídea, na coleção deste. Em 1862 recebeu uma inflorescência parecida e ficou convencido de estar diante de um novo gênero. Baseado nisso, criou o gênero *Chytroglossa*. Quanto à etimologia não deixou esclarecimento algum, mas, possivelmente, o significado do nome vem do grego: chytros = tigela + glossa = língua, aludindo, provavelmente, ao estigma que nesse gênero se localiza na base da coluna e, portanto, na transição para o labelo

REINCHENBACH f. dispunha apenas de uma inflorescência e não da planta inteira para estudar e determinar a classificação. Por isto, pouco escreveu sobre o

hábito da planta. Anos mais tarde menciona: "As folhas crescem fasciculadas sobre caule curto, sem bulbos" (4). Não sabemos se foi por moto próprio ou se de informação recebida de terceiros. EDWALL (2) assinala em sua publicação: "Semibulbis minutis, ciriter 3 mm longis, unifoliatis..." ("Pseudobulbos diminutos com cerca de 3 mm de comprimento, unifoliar"). Também Cogniaux (1) observa que não existem pseudobulbos insignificantes. A caracterização do gênero não consiste, como afirmaram, mais tarde, alguns autores, num clinândrio denticulado. REINCHENBACH f. (2) assinala apenas "Androclínio descendente perpendicular membrana cingente." A nova espécie a ser apresentada em seguida apresenta um clinândrio com orlas totalmente lisas. Deve ser a menor desse gênero.

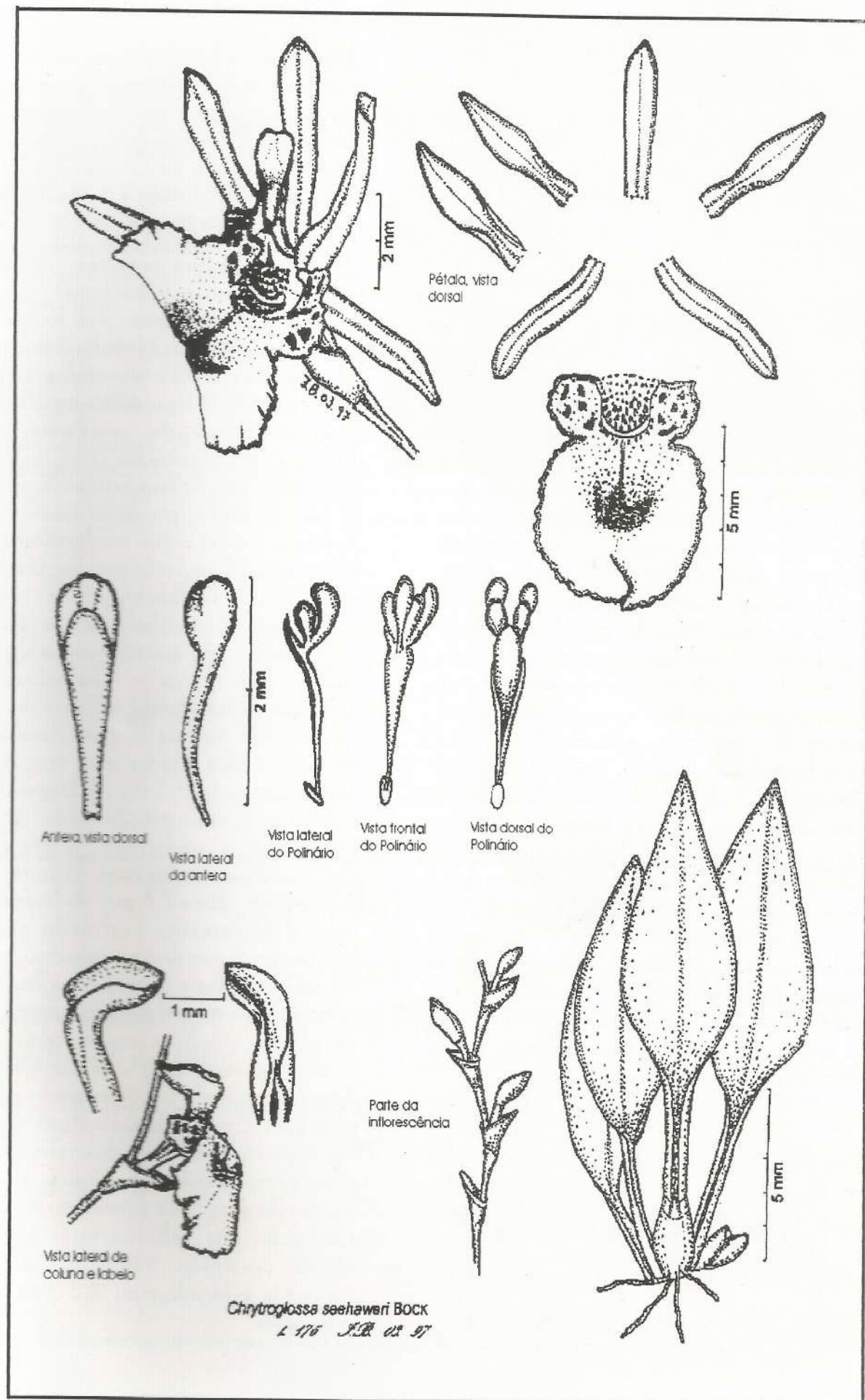
Chytroglossa seehaweri Bock

Diagnosis *Chytroglossa seehaweri*



Chytroglossa seehaweri Bock, flor ampliada c. 9 vezes

Foto de Irene Bock



differt a speciebus ceteris foliis lanceoatis distincte petiolatis labello torto, lobo intermedio labelli circulare et valde retracto.

Descriptio: Epiphytica erecta, pusilla, pseudobulbis minutissimis, ca. 2 mm altis, ca. 2 mm latis, unifoliatis, basi folliis 3-4 aequalibus circumdatis, foliis erectis, carnosus, petiolo 5 cm longo incluso ad 15 mm longis, lamina lanceolata ad 10 mm longis ad 4 mm lata, nerve mediano supra profundiusculo immerso, dorso carinato, inflorescentia basi bulborum nata, racemosa pendente, usque ad 3 cm longa rhachidi dD

modeste fractiflexa, laxa 3-1 flora, bracteis magnis ornata; floribus in genere parvis, patentibus sepalis petalisque albis et flavovirentibus, labello albo in medio aurato-cinnamomeo, basi smaragdina, lobis lateralibus auratis cinnamomeo-maculatis columna paulo torta, labello valde torto, sepalo dorsali lineari, apice obtuso, marginibus revolutis, 5 mm longis, 0,9 mm latis; sepalis lateralibus linearibus, apice obtuso, marginibus revolutis, 5 cm longis, 0,8 mm latis; petalis linearibus, apice modeste acuto, marginibus revolutis, 4,5 mm longis, 1,1 mm latis, labello trilobo, marginibus erosis modeste undulatis, lobis lateralibus semicircularibus, ca. 1,5 mm longis, ca. 1,5 mm latis, lobo intermedio refracto circulari (dilatato), ca. 5 mm longo, ca. 5 mm lato, basi callo ligulato, concavo, exserto, intus et basi extus papilloso; columna recta, valida, carnosus auriculata, clinandrio rectis angulis flexuoso, marginibus intergerminis cincto; anthera anguste-oblonga; pollinibus 2 paribus inaequalibus incumbendis longe stipitatis.

Typus: Brasil, Rio de Janeiro, Serra de Macaé de Cima, ca. 1.300 m alt. s.m.coll. Helmut SEEHAWER 1992, HAL. Nr. 078525

Etimologia: a espécie é dedicada ao coletor Helmut SEEHAWER.

Diagnose: *Chytroglossa seehaweri* se distingue das demais espécies pelas folhas normalmente lanceoladas e pedunculadas, pelo labelo distorcido saindo do eixo da flor, assim como o lobo central do labelo de contorno arredondado e fortemente inclinado para trás.

Descrição: Epífita pequena com pseudobulbos diminutos, unifolares, com 2 mm de largura, base coberta por folhas basais. Folhas, pecíolo com cerca de 5 mm. Limbo lanceolado com mais ou menos 10 mm de comprimento, 4 mm de largura, superfície nitidamente sulcada, carenadas na parte dorsal. Inflorescência com, aproximadamente, 3 cm de comprimento, evoluindo da base do bulbo, pendente racemosa, com de 3 a 4 flores, raque moderadamente em ziguezague. Sépalas e pétalas brancas até verde amarelado; labelo branco com centro amarelo ouro maculado de cor de canela, calo amarelo e base verde esmeralda, coluna apenas pouco, mas o labelo fortemente flexuoso. Sépala dorsal 4,5 mm de comprimento, 0,9 mm de largura, linear, ápice obtusado, orlas viradas para trás, 4,5 mm de comprimento, 1,1 mm de largura. Labelo trilobado, com orla dentada irregular, ligeiramente ondulada, lobos laterais semicirculares, eretos com cerca de 1,5 mm de comprimento e 1,5 mm de largura. Lobo central fortemente inclinado para trás, espalmado, 5 mm de comprimento, com calo saliente em forma de colher na base, com a parte interna e base é espessamente coberta de papilas. Coluna ereta, semicircular, muito vigorosa, com asas carnosas, cilíndricas em ângulo reto inclinado para trás, orlas lisas. Estigma basal vertical: 4 políneas em 2 pares, unidas irregularmente; estipes com cerca de 2 mm de comprimento, alargando para cima e terminando em ápice triangular. As políneas estão localizadas abaixo do ápice. Viscídio oval, antera comprida e bicuda com 2,2 mm de comprimento.

Bibliografia citada.

- (1) Cogniaux, A. (1904-1906)
Chytroglossa Rehb. f. in "Flora Brasiliensis" vol III, pags. 6:229-232.
- (2) Edwall, G. (1903) Plantas Paulistas Novas ou menos conhecidas.
Chytroglossa paulensis G. Edw. sp. nov., in "Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes."
- (3) Reichenbach f. H. G. (1863)
Chytroglossa in "Hamburger Garten und Blumenzeitung 19:545.
- (4) Reichenbach f. H. G. (1863)
Chytroglossa in "Xenia Orchidacea" vol. 2:134.



Foto de Irene Bock

Chytroglossa seehaweri Bock, hábito floral, com ampliação de cerca de 2,5 vezes

(*) Irene Bock, Dr.

Höfling-Weg 2

D-34311 Naumburg

Alemanha



Orquidário Warneri de Olga e Tibério

Especializado em plantas de Minas Gerais e do Espírito Santo. Seedlings de *Phalaenopsis* e *Catasetum*. Produtos para cultivo. Revendedor Coxim. Adubos nacionais e importados: Yogen, Peter's, Plant prod. Defensivos. Tela sombrite, cachepôs e etiquetas de plástico.

**Rua Vicentina de Souza, 469
31030-240 - Belo Horizonte, MG
Tel./Fax.: (031)461 0860**

A *Sophronitis* nordestina

Sophronitis cernua Lindl., var. *alagoensis*

Gomes Ferreira var. nov.

Augusto Burle Gomes Ferreira (*)

É BEM SABIDO DE MUITOS orquidófilos que o gênero *Sophronitis* ocorre no Nordeste Brasileiro, mas essa informação é mais transmitida por tradição oral e tem permanecido um tanto nebulosa para quase todos, sendo poucos os que tiveram a oportunidade de ver a planta e menos, ainda, os que a viram no habitat, como ocorreu com a Dra. Lou C. Menezes. Eu mesmo não conhecia a planta. Uns tantos diziam que era a *Sophronitis pygmaea* porque a planta é muito pequena, mas sem a haverem examinado.

Sendo um interessado nas orquídeas desta região, parti para a busca, querendo localizá-la e estudá-la. O empreendimento tem muitas dificuldades: imaginem encontrar uma planta que mede de 1 a 2 cm e produz flores de 0,5 cm de diâmetro, vegetando a mais de 10 m de altura!...

Fiquei surpreso pelo tamanho ínfimo das plantas e, mais ainda, com o das flores, que ficam apenas entreabertas. Surpreendido, também, pelo habitat: mata litorânea, próxima a orla marítima (menos de 30 km), sobre os galhos finos da copa das altas Imbiribas (*Lecythis* sp.). Assim, são plantas adaptadas a longos períodos de estiagem (3 meses em média) no auge do verão e períodos de igual duração de chuvas permanentes, ou quase isto. Em cultura tem mostrado só se desenvolver bem em galhos dessa sapucaia (*Lecythis* sp.), que é sua hospedeira natural.

Após examinar a sua flor, comparando-a ao vivo com a da *Sophronitis cernua*,

nada encontrei que pudesse diferenciá-la como espécie autônoma. Poucas foram as diferenças que encontrei: a haste floral e o ovário são, proporcionalmente, mais longos e a flor abre pouco, ficando entreaberta, apenas. Enfim, a grande diferença está no tamanho de planta e flor.

Espécie ou variedade? E neste impasse recorremos ao Prof. Marcelo Guerra, do Departamento de Genética, da Universidade Federal de Pernambuco, para que fizesse a análise dos cromossomos e dirimisse as dúvidas. A conclusão veio no seguinte laudo: "Os resultados mostraram que as duas *Sophronitis* são indistinguíveis do ponto de vista citogenético. Ambas apresentaram o número cromossômico diploide 2 ± 42 nas células meristemáticas das raízes - sugerindo que os dois tipos possam constituir uma única entidade taxonômica. Contudo, na família Orchidaceae é comum que o número cromossômico seja estável dentro de um gênero deixando em aberto a questão de se tratar de uma ou duas espécies distintas." Como a conclusão do Prof. Marcelo Guerra não dirimiu a dúvida, optamos por fazer a descrição taxonômico-morfológica e colocá-la como variedade. Opção menos presunçosa.

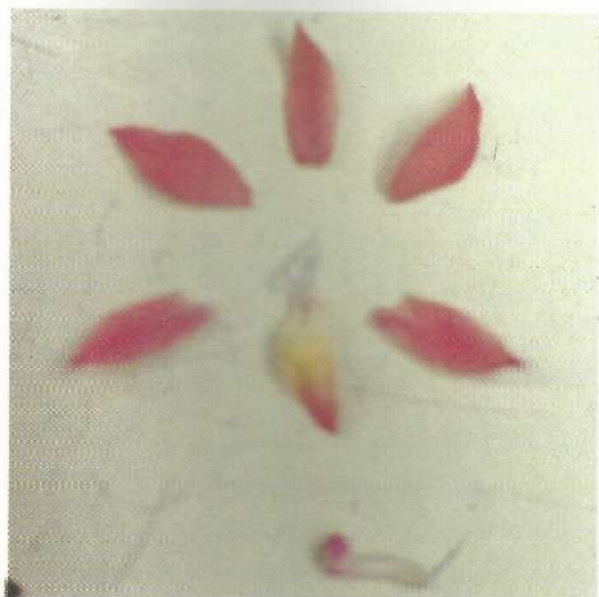
Após a elaboração deste trabalho, uma nova ocorrência da *Sophronitis* aqui descrita foi localizada no limite sul da área metropolitana do Recife, em idênticas condições da ocorrência de Maceió. Agora surgindo junto com *Cattleya granulosa* Lindl. e com *Notylia rosea* (Barb. Rodr.) Cogn.



Flor aberta. Foto e cultivo do Autor.



Flor dissecada. Foto do Autor.



Comparação de tamanho entre *Sophr. cernua* comum e a var. Nordestina. Foto do Autor

Descrição

Herba epiphytica. Rhizoma curtus. Pseudobulbi juncti, dispositi sicut squamae, plani (13 mm x 8,5 mm x 5,5 mm), unifoliati, 4 bracteïs, sine spatha. Folia coriacea, ovata, acuminata, ca. 19 mm x 13 mm. Radicibus filimorfibus, albis glabrisque. Pedunculo florali 1-3 floribus ca. 8 mm x 1,5 mm, bractea florali parva acuminata ca. 1 mm. Floribus interpatentibus; sepalis lanceolatis, acuminatis, rubris, ca. 7,5 mm x 3 mm; petalis ellipticis, acuminatis, rubris, ca. 7,5 mm x 4 mm; labellum trilobatum ca. 6 mm x 5 mm; flavum lobato frontali rubro et valde acuminato, callositate media semi-concha formata. Columna alba in extremis violacea, 2 aliis anterioribus juxta rostelum ornata. Pollinaria membranacea elliptica, plana, alba translucida. Ovarium longum ca. 9 mm x 1 mm, pedunculum ca. 7 mm x 1 mm, albo violacea.

Habitat - Brasil, estado de Alagoas, pr. a Maceió, in silva pluviosa litoranea. Leg. Manuel Silva, set. 1991. **Holotypus**, Herbarium UFPE n° 8508.

Agradecimentos ao Prof Antonio Neto das Neves, do Colégio de Aplicação da UFPE, pela versão latina.

*) Rua do Paissandú, 678/902
52.010-000, Recife, PE

As Maravilhas de Assis

Raimundo Mesquita (*)

Uma explicação necessária sobre a Série

Tenho recebido algumas perguntas, quase admoestações, sobre o título que escolhi para esta série: "novos, por que?... Sérgio Barani, já é um produtor veterano, você mesmo disse que ele compareceu a todas as exposições da Orquidário, que, desde o início, já expõe a, pelo menos, 11 anos, por que, então, chamá-lo de "novo"?

Por que não intitular a série, simplesmente, de "Produtores" e seguir incluindo todos por este Brasil afora?"

Adotei o título para a série tendo em vista o propósito de tratar de pessoas que, para muitos dos nossos sócios, não são conhecidas como os proprietários dos antigos ou grandes orquidários comerciais brasileiros, que são, ou foram referências, como BINOT, o mais antigo, FLORÁLIA, que, com Rolf Altenburg, significou um padrão de qualidade e inovação, ARANDA, aqui no Rio, que tem revolucionado o conceito de comércio de orquídeas, ou, quando vivo, Ademar Manarini, com o inovador EQUI-LAB, ou os japoneses de São Paulo, com sua escala gigantesca e produção unicamente preocupada na qualidade da cultura com sentido econômico de produtividade e de evitar perdas e desperdícios, assim como com a finalidade decorativa da flor que se torna praticamente um objeto descartável e sem a sofisticação que é apanágio da nossa orquidofilia, ou, mesmo, um ORQUIDÁRIO DOS PINHOS, também de São Paulo, que

consegue unir, na sua produção, qualidade e quantidade. Assim, também, o Orquidário ROBERT, do Paraná, FLORABELA, do Espírito Santo, SANDER e RICSEL, no Rio Grande do Sul.

Meu propósito, em suma, foi o de ir incorporando a essa Galeria de "clássicos", nomes que tem contribuído enormemente para a promoção da orquidofilia, mas que, ainda, não são muito conhecidos fora do restrito meio orquidófilo.

Assim é que faço, agora, com Antônio Schmidt, o Toninho, que, como não poucos sabem, é o dono da CHÁCARA BELA VISTA, de Assis, SP, e que adotou, recentemente, o sofisticado apelativo de BELA VISTA ORCHIDS, o que significa, na verdade, a internacionalização desse modelar estabelecimento, dedicado, basicamente, a flora orquidácea nativa do Brasil.

Segue a entrevista que, recebtene, ele me concedeu.

Como você começou com orquídeas? É uma tradição de família, ou você é o primeiro?

Meu começo com orquídeas foi aos 7 anos, quando meu pai adquiriu um livro chamado Iconografia das Orquídeas do Brasil ⁽¹⁾ e eu fiquei fascinado

(1) A referência é feita à monumental obra de Hoehne, com o título mencionado, publicada pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

pelas ilustrações. Como nós tínhamos um viveiro de mudas ornamentais e uma pequena coleção de orquídeas, eu comecei a identificá-las, comparando-as com as fotos do livro pois, nesta época, eu estava aprendendo a ler e apenas



Chamaeleorchis warscewiczii (ex *Miltonia warscewiczii*)

ensaiava os primeiros cultivos.

E a atividade de comércio de orquídeas?

Por já estarmos ligados ao comércio de plantas, o interesse de clientes por orquídeas levou-nos a ampliarmos nossa coleção, através de compras de orquídeas, compras de coleções antigas e coletas. Isto ocorreu por volta de 1965. Em meados de 1970, devido ao interesse de estrangeiros por nossas orquídeas, houve a necessidade de termos plantas em maior quantidade o que levou-nos a montar um laboratório para reprodução das espécies.

Por que você escolheu trabalhar, com tanta ênfase, com gêneros e espécies, inclusive como algumas aparentemente pouco atrativas comercialmente?

A escolha por trabalhar com

espécies foi pessoal e também está relacionada com o livro *Iconografia das Orquídeas do Brasil* pois eu sempre quis produzir as plantas citadas nele, ou seja, espécies brasileiras, principalmente aquelas pouco conhecidas. Por ter me identificado com espécies passei também a produzir algumas estrangeiras, principalmente as da América do Sul. Só que não é possível viver de sonhos então também passei a produzir algumas plantas atrativas (cujas flores são grandes) e híbridos. Felizmente tive sorte, pois o mercado pendeu para esse tipo de plantas que atraem principalmente os estrangeiros e os colecionadores que são meu público alvo.

E com Catasetum, quando os descobriu e começou a relação especial de preferência e intensificação de cultivo?

Os catassetos, assim como as outras espécies nativas, fazem parte do meu sonho e sua diversidade de espécie e variedade levou-me a iniciar uma coleção. O surgimento de flores femininas propiciou a produção de catasetuns e devido ao meu convívio com os taxonomistas, esses me orientaram a fazer alguns cruzamentos para esclarecer dúvidas sobre algumas espécies novas que estavam surgindo. Isto ocorreu por volta de 1994, época em que pensávamos fundar uma associação de catasetíneas de onde surgiu a ABRACC (Associação Brasileira de Cultivadores de Catasetíneas). Como os híbridos são do interesse dos colecionadores, passei a produzir então novos híbridos, sendo que hoje devo ter aproximadamente 150 híbridos de catasetuns que deverão estar florindo nos próximos 2 anos.

Fale das suas práticas de cultivo e das que adota na Chácara Bela Vista?

Como prática de cultivo eu creio que haja uma evolução constante. Hoje eu cultivo bem melhor que há 1 ano



Catasetum schmidtianum

atrás e sei que daqui para a frente cultivarei sempre melhor. Nós que trabalhamos com uma diversidade muito grande de espécies, vamos descobrindo dia a dia que cada uma tem sua peculiaridade e estamos em constante mudança para atingimos o ideal de cada espécie. Adotamos sempre uma média para cultivo no geral e fazemos algumas alterações de espécie para espécie, pois é inviável economicamente dar um tratamento distinto para cada espécie. Procuramos separar as espécies em grupos de acordo com a semelhança no cultivo, como por exemplo os catasetuns que precisam de repouso no inverno, ou as plantas amazônicas que não resistem a baixas temperaturas e necessitam de ambiente aquecido.

Externe sua opinião sobre o comércio de orquídeas no Brasil? Sinceramente, você aconselharia alguém a seguir o seu exemplo?

O comércio de orquídeas no Brasil

deixa muito a desejar em vários aspectos: a própria cultura do povo, o baixo poder aquisitivo, falta de marketing, de literatura, de uma integração entre os produtores para uma maior diversidade dos negócios, pois quando alguém começa a produzir uma determinada espécie que poderá lhe dar algum lucro, outros também começam a produzir a mesma espécie, do que resulta negócio muito pouco lucrativo para todos. O conselho que eu dou para quem deseja investir em orquídeas é que o faça pelo prazer de cultivar tão belas plantas, porque se o objetivo for ganhar dinheiro, o melhor é buscar outro caminho. Eu não conheço ninguém que tenha ficado rico produzindo orquídeas no Brasil.



Cattleya Small World (aclandiae x luteola)

Pergunta: Existe, na sua opinião, algum "nicho" não explorado, ou pouco explorado, no comércio de orquídeas?

Há no mundo aproximadamente 25.000 espécies de orquídeas e eu acredito que nem 5% delas são exploradas, então há vastos 95% a serem explorados e eu também posso dizer, como produtor de plantas de pouco interesse comercial, que há comprador para todas as espécies sem exceção, porém umas são mais procuradas que outras. O mundo das orquídeas é maravilhoso e se alguém quiser se aventurar a explorar o que ainda está obscuro que o faça com muito critério



Cattleya H. G. Selfridge (violacea x aclandiae)

ou que conte com a sorte como fazem os garimpeiros.

Diga da experiência de um cultivador-comerciante fora dos grandes centros consumidores de flores? Como a cidade de Assis tem lhe tratado?

Eu resido aqui em Assis, que é distante dos grandes centros consumidores, mas sei que ter um viveiro de plantas no interior do estado é bastante difícil por vários fatores: difícil acesso ao mercado consumidor, aos insumos, ao transporte, às autoridades (Ibama e Ministério da Agricultura), etc. Tudo isto torna muito difícil o comércio de orquídeas, o que nos levou a optar pelo sistema de vendas via postal que é um meio pelo qual conseguimos atingir todo o território nacional além do exterior. Assis tem me tratado muito bem como cidadão, porém o comércio de orquídeas é pouco significativo na cidade, mas nós temos um departamento de plantas ornamentais que é muito bem aceito em Assis e na região.

A mudança de denominação, de Chácara Bela Vista para Bela Vista Orchids, tem a ver com a sua entrada no comércio exterior? O comércio externo, a pesar de difícil como se sabe, tem sido compensador para um comerciante de espécies, algumas até pouco decorativas? Você vê perspectivas?

A denominação Chácara Bela Vista ainda permanece como oficial. Denominamos Bela Vista Orchids a área da empresa dedicada especificamente às orquídeas. A adaptação da palavra orquídeas para o inglês "Orchids" teve o intuito de abranger outros idiomas, pois, com nossa entrada no comércio externo, precisávamos de uma denominação que fosse compreendida em vários países já que fazemos só um catálogo porque a denominação latina das plantas é universal. Para um comerciante de espécies, o mercado externo representa uma fatia a mais nas vendas, pois essas plantas são direcionadas a colecionadores que, no exterior, existem em maior número que no Brasil. Só que há uma grande dificuldade de atingir esse público, por causa dos entraves burocráticos, alfandegários, barreira cultural, desconhecimento de nossas espécies, etc. Eu vejo grandes perspectivas de melhoras se nossas autoridades facilitarem as exportações, descentralizando a emissão do CITES e do Certificado Fitossanitário, por exemplo. Só que não acredito em mudanças tão cedo, pois sou um dos poucos produtores do interior e não há vontade política para melhorias.



Visão da estufa de Catasetum. Observem o tipo de cobertura, com filme plástico, permitindo insolação quase plena. Entre as bancadas o cultivador Antonio Schmidt

"Sou assinante de Orquidário e cumpro, aqui e agora, a obrigação de parabenizá-los pela edição (julho a setembro de 1997) contendo depoimentos de grandes amigos e cultivadores dessas maravilhas que Deus colocou neste planeta repleto de suas maravilhas.

Em nosso clima ardente do Nordeste, aqui na capital, cultivo, desde 62, algumas orquídeas, sobretudo *Cattleyas labiata*s, em um pequeno orquidário, coberto de sombrite 75%. A pesar desses anos todos, ainda tenho muitas dúvidas e dificuldades no manuseio dessas plantas. Mas, quero confessar que esta edição de Orquidário me tirou várias dúvidas e será um roteiro que me orientará doravante.

Por isso, venho agradecer-lhes a edição acima citada e penso que seria muito bom se cada edição trouxesse um depoimento de um experiente cultivador - isso ajudaria muito os orquidófilos do nosso país.

Cordialmente,"

Gerardo Carvalho
Rua Gonçalves Ledo, 555
60.110-260, Fortaleza, CE.

Prezado Gerardo,

Grande recompensa é, para nós, receber cartas como a sua. Obrigado.

Realmente está na linha editorial da nossa revista prosseguir no roteiro que você sugere.

A propósito, distribuimos junto com o número 4, o último de 1997, que você já deve ter recebido, uma pesquisa que tem por objetivo, exatamente, conhecer os desejos dos nossos sócios e leitores, o que irá ter reflexos na linha editorial da revista.

No tocante a depoimento de bons e experientes cultivadores temos muita coisa em preparação e, para tanto, estamos

contatando e entrevistando pessoas. Mas, queremos mais, queremos a participação de pessoas como você, que, sabemos, dispõem de um acervo de experiência e prática, muito grandes.

Escreva, fale dos seus métodos de cultivo, de suas dúvidas, dificuldades e das soluções que encontrou. Tudo isto tem um valor enorme, é um patrimônio que precisa ser levado ao conhecimento dos outros orquidófilos que, como você, são veteranos e exímios cultivadores.

OrquidaRIO

"Gostaria, como sócio da Orquidário, de publicar em nossa revista, um assunto que acho ser de interesse geral.

Li no volume 11, nº 1, a dificuldade de preservar a identidade de nossas orquídeas nos orquidários. Resolvi este problema da seguinte maneira: arranjo um tubo de PVC, o mais grosso possível e com um tesourão desses usados para corte de chapas metálicas, corto pedaços de 3 x 10 cm e onde faço um furo com um prego superaquecido.

Com grafite bem escuro escrevo nessa etiqueta as informações que desejo, tais como nome, data de floração, etc.

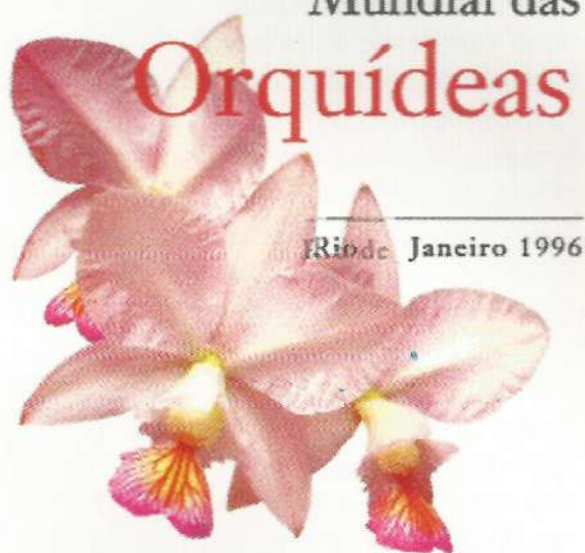
Sobre o que escrevi espalho, com um pincel, cola Cascorez, que é achada em qualquer loja de ferragens. Ela é branca e leitosa, mas ao secar fica transparente, como se fosse camada plástica, tipo Contact. É resistente a água ou outras agressões comuns ao ambiente de cultivo. Usando filete de telefone amarro a etiqueta, através do furo, a uma haste ou ao pseudobulbo da orquídea.

Utilizo esse sistema há mais ou menos dois anos e creio ser extremamente fácil de manuseio, inclusive, de limpar com um pouco de água."

Fernando A. Rocha Fernandes
Rua Itabaiana 303/203
20.561-050, Rio, RJ

Atas da 15^o
Conferência
Mundial das

Orquídeas



naturalia
PUBLICATIONS

Um livro, sobretudo quando bonito, é um bem imprescindível e, isto, bem pode dizer-se das Atas da 15^a Conferência Mundial de Orquídeas, livro que acaba de ser lançado pela editora francesa Naturalia Publications, uma bela e intensamente ilustrada publicação.

Os que lerem o livro encontrarão praticamente tudo o que aconteceu na Conferência e, principalmente, as palestras e falas proferidas nas seções plenárias, científicas e hortícolas ou dos grupos de especialistas.

A organização do livro coube a Carlos Eduardo de Britto Pereira, que se revelou, como Editor, competente, preciso e, sobretudo, pertinaz. Eu que acompanhei todo o seu trabalho, posso e quero dar, aqui, o meu testemunho do esforço de preparação dessa obra que, a partir de agora, ficará entre os clássicos da bibliografia de orquídeas. Parafraseando Joyce Stewart, em certo trecho da

sua palestra (cf. pag. 43), sei que não foram poucas as noites de insônia de Carlos Eduardo, diante dos atrasos de certos palestrantes na remessa dos originais ou das ilustrações e não poucas, também, terá perdido ao longo do tempo que demorou a publicação!... Contou o Editor com a ajuda de Luiza Machado da Costa, que se responsabilizou pelas versões e traduções de e para português, inglês e espanhol.

Erros existem, são quase inevitáveis em obras desse porte, os famosos pequenos demônios das tipografias, sobretudo quando se tem, como foi o caso, o oceano Atlântico separando o Editor da Gráfica-Editora. Alguns importantes (como é o caso de não se ter dado a necessária ênfase ao fato de ser o Carlos Eduardo de Britto Pereira o Editor, coisa que não só é de muita justiça, mas é de preceito em publicações dessa natureza), outros menos, mas nada que comprometa a leitura e o entendimento. Sobre esses erros voltaremos no próximo número, com um texto do próprio Editor, Carlos Eduardo de Britto Pereira, enquanto providenciamos uma oportuna Errata.

Este livro é o último e um dos mais belos atos da 15^a Conferência Mundial de Orquídeas.

A obra é encadernada, tem 495 páginas e mais de 300 fotos coloridas, a começar da sobrecapa com a já clássica foto de Carlos Ivan da flor Campeã da Exposição. A capa, em tecido preto, tem impressa em baixo relevo a bela logomarca da Conferência.

Para adquirir entrem em contato, no Brasil, com Marcos Moussalem, pelo telefone (021)558-6116, ou e-mail: marc@mtec.com.br.

No exterior, diretamente com a Naturalia: tel.: (033) 4 92 55 18 14, Fax: (033) 4 92 55 18 88 ou e-mail: naturalia-publications@naturalia-publications.com.

Raimundo Mesquita

A eletrônica, os computadores e a parafernália que os acompanha começam a por-se a serviço da orquidofilia, não sendo difícil de prever o dia em que esta revista, ao lado da sua versão tradicional, como esta que vocês estão lendo, passe a oferecer uma, computadorizada, dentro da Home Page da OrquidaRIO e que certamente será concebida e preparada com a ajuda de Sérgio Araujo, grande fotógrafo e um dos melhores projetistas brasileiros de Home Pages.

Podemos pensar, talvez sonhar com um próximo lançamento de uma versão eletrônica e, por isso, bem mais extensa, sofisticada e completa, do nosso Manual de Iniciação à Orquidofilia, linda e fartamente ilustrada a cores, com multimídia, com vozes explicando como envasar, como cuidar, tudo com música brasileira ao fundo para aumentar o efeito da experiência e participação cultural do assistente (ia dizendo, por deformação cultural, leitor...). Certamente, para isso, contaremos com a assistência e supervisão de nossa sócia de Brasília, Edna Francischetti Piza.

Enquanto esses momentos não chegam, falemos do que já aconteceu e que mostra que a orquidofilia brasileira se atualiza e se enriquece com novos meios de cultura, estudo e informação.

Tudo isto mostra que estamos entrando num outro daqueles momentos mágicos da nossa orquidofilia, que cresce e encorpa e vai ganhando, no rastro da globalização, caráter nacional e não mais de um arquipélago.

No terreno da informação e difusão de interesse, quero destacar o uso inteligente que alguns orquidários comerciais vem fazendo da Internet e de suas possibilidades, construindo excelentes Home Pages, como é caso de duas que faço questão de destacar:

1. Nova Home Page da Aranda (<http://aranda.com.br>), que está de cara nova, projetada agora por Sérgio Araújo, que, como destaquei acima, está entre os

melhores projetistas de Home Pages no Brasil (vale a pena conhecer a sua, que embora de fotografia, faz umas incursões ao mundo da orquídea: <http://sergioaraujo.com>).

O "site" da Aranda tem 8 partições, que vão desde a apresentação da empresa, ao catálogo virtual, lista de preços, dicas e, ainda, conexões com alguns "links" internacionais, como os da American Orchid Society e de outras entidades orquidófilas mundiais. Está muito bonita a página, contando, inclusive com uma galeria de fotos com a criatividade e qualidade fotográfica de Roberto Agnes.

2. Quinta do Lago (<http://www.qlagorquideas.com>). Também preparada por Sérgio Araujo, a Home Page da Quinta do Lago tem as mesmas características da da Aranda, que é uma das marcas do estilo do seu autor. Dá ênfase a alguns projetos culturais em que o orquidário está envolvido, em parceria com entidades da importância do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Para não ficar só nos elogios, gostaria de chamar a atenção dos responsáveis pelo conteúdo das páginas, para erros de digitação que tem ocorrido na grafia dos nomes de orquídeas.

Mas tenho e quero falar, também, do magnífico e desinteressado trabalho que vem sendo desenvolvido por Delfina Araujo, na sua página pessoal (página nada!... Um ótimo caderno cultural). O principal destaque a fazer sobre essa realização de Delfina é o caráter não comercial do seu trabalho, o que lhe custa, estou certo, dedicação, tempo, despesas não pequenas e esforço, muito esforço, que só grandes entusiasmo e sensibilidade explicariam. A página (<http://www.delfina.simplenet.com>) exibe fotos feitas por seu marido, Sérgio Araujo, e tem uma série de atrações, como informações sobre a atividade orquidófila, quebra-cabeças orquidófilos, links, galeria de fotos, como, ainda, uma importante seção que é uma verdadeira revista cultural, titulada de Orchid News (com algumas importantes

Orchid News (com algumas importantes entrevistas, algumas das quais já foram publicadas em números anteriores de Orquidário, assim como outras como as recentes com Francisco Miranda e Lou Menezes). É sem dúvida um trabalho abnegado e de alta qualidade, que precisa ser visto e apoiado por todos que gostam de orquídeas e do que é de qualidade.

Vou falar, também e por fim, no CD que acaba de ser lançado pela 3D Multimedia, de Brasília, resultado do esforço e obstinação de Edna Francischetti Piza e sua equipe. Este disco é o primeiro de uma série ambiciosa que pretende cobrir os principais gêneros brasileiros e que tem por título "Orquídeas do Brasil". Este que seria o primeiro volume, padece de algumas deficiências e limitações naturais das iniciativas pioneiras (como a dificuldade de instalação, alguns bugs, que com certeza irão sendo superados, aqui e ali um aspecto de gosto duvidoso nos ícones e desenhos) contém uma introdução geral ao conhecimento da orquídea como ente botânico e, na parte dedicada às plantas brasileiras, trata de um gênero de enorme beleza e grande importância e que pouco extensa atenção tem merecido dos orquidófilos brasileiros, *Cyrtopodium*.

A partir de agora tornou-se obra de referência insubstituível e indispensável instrumento de conhecimento. Um dos aspectos mais importantes deste CD é a contribuição inestimável, no campo científico, de Lou Menezes, talvez, hoje, a maior especialista brasileira no gênero *Cyrtopodium* e que ainda nos brinda com um série de fotos magníficas dessa flor, sobre que apresentou uma série de textos, em revistas nacionais e estrangeiras.

Raimundo Mesquita

Obra definitiva sobre *Miltonia*.

A bibliografia internacional sobre orquídeas é, hoje em dia, bem variada, tornando difícil mantermo-nos em dia com ela.

Predomina, contudo, o livro sobre

orquídeas que dá ênfase a comentários genéricos sobre cultivo. O orquidófilo que pretende aprofundar-se em determinado gênero ou grupo genérico se ressentirá de informações mais profundas e completas. Sobre o universo, de mais ou menos, 900 gêneros da família existem poucas publicações que possam satisfazer as nossas necessidades.

Para tanto seria preciso que existisse documentação científica incontestável, ilustrada a cores para melhor visualização da espécie, nomenclatura atualizada e, assim, informações sobre cultivo. Tudo isso em linguagem clara e convincente.

Isto é o que vem conseguindo as publicações de uma série editorial dedicada à memória do insigne orquidólogo alemão Ernest PFTIZER, concebida pelas Schweizerische Orchideen Gesellschaft, de Zurique, na Suíça, e Vereinigung Deutscher Orchideen Freunde e. v., de Göttingen, Alemanha.

Acaba de ser lançado, nessa coleção, um excelente livrinho preparado sob os cuidados do Dr. Karlheinz Senghas, nosso constante colaborador e Diretor do Jardim Botânico da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. A obra é dedicada ao gênero *Miltonia* e afins, apresentando um histórico completo de cada espécie, sua classificação, histórica e atual, explicando, inclusive, o por que da reclassificação, tendo como ponto de partida a revisão feita para fundamentar a 3ª edição da obra "Die Orchidee" de Schlechter.

De cada espécie é feita uma análise completa, acrescida de chaves e, ainda, indicações e conselhos de cultivo.

Extraído do livrinho que vimos comentando, oferecemos aos nossos leitores, nos quadros que acompanham este pequeno comentário, uma revisão da situação atual das espécies do grupo das *Miltonias*.

Nos quadros, à esquerda, nomes, autores e épocas da antiga nomenclatura. À direita os novos nomes, válidos atualmente.

Waldemar Scheliga

Evolução dos nomes de *Miltonia*. Situação Atual

Deste lado, nomes, autores das descrições e ano da classificação

Deste lado, nomes atuais e mudanças

<i>anceps</i> Lindl.	1853	<i>Miltonia flava</i>
<i>bicolor</i> Lodd. ex W. Baxt.	1839	<i>Miltonia spectabilis</i>
<i>binotii</i> Cogn.	1897	híb. nat. de <i>candida</i> x <i>regnelii</i>
<i>bluntii</i> Rchb. f.	1879	híb. nat. de <i>spectabilis</i> x <i>clowesii</i>
<i>candida</i> Lindl.	1836	<i>Anneliesia candida</i>
<i>castanea</i> Rolfe	1901	híb. nat. de <i>regnelii</i> x <i>clowesii</i>
<i>cereola</i> Lem.	1865	<i>Miltonia regnelii</i>
<i>clowesii</i> Lindl.	1839	<i>Miltonia clowesii</i>
<i>cogniauxiae</i> Peet. ex Cogn.&Gross	1900	híb. nat. de <i>spectabilis</i> x <i>regnelii</i>
<i>cuneata</i> Lindl.	1844	<i>Anneliesia cuneata</i>
<i>cyrtochiloides</i> Barb. Rodr.	1877	<i>Miltonia</i> x <i>festiva</i>
<i>endresii</i> Nichols.	1886	<i>Miltoniopsis warscewiczii</i>
<i>flava</i> Lindl. ex W. Baxt.	1839	<i>Miltonia flava</i>
<i>festiva</i> Rchb. f.	1886	híb. nat. de <i>spectabilis</i> x <i>flavescens</i>
<i>flavescens</i> Lindl.	1839	<i>Miltonia flavescens</i>
<i>joiceyana</i> O'Brien	1893	<i>Miltonia</i> x <i>lamarckiana</i>
<i>karwinskii</i> Lindl.	1849	<i>Miltonia karwinskii</i>
<i>laevis</i> Rolfe	1904	<i>Miltonioides laevis</i>
<i>kayasimae</i> Pabst	1976	<i>Anneliesia kayasimae</i>
<i>lawrenceana</i> Cogn.	1900	<i>Miltonia</i> x <i>castanea</i>
<i>lamarckiana</i> Rchb. f.	1885	híb. nat. de <i>candida</i> x <i>clowesii</i>
<i>leucomelas</i> Rolfe	1904	<i>Miltonioides leucomelas</i>
<i>leucoglossa</i> Hort.	1898	híb. nat. de <i>spectabilis</i> x <i>candida</i>

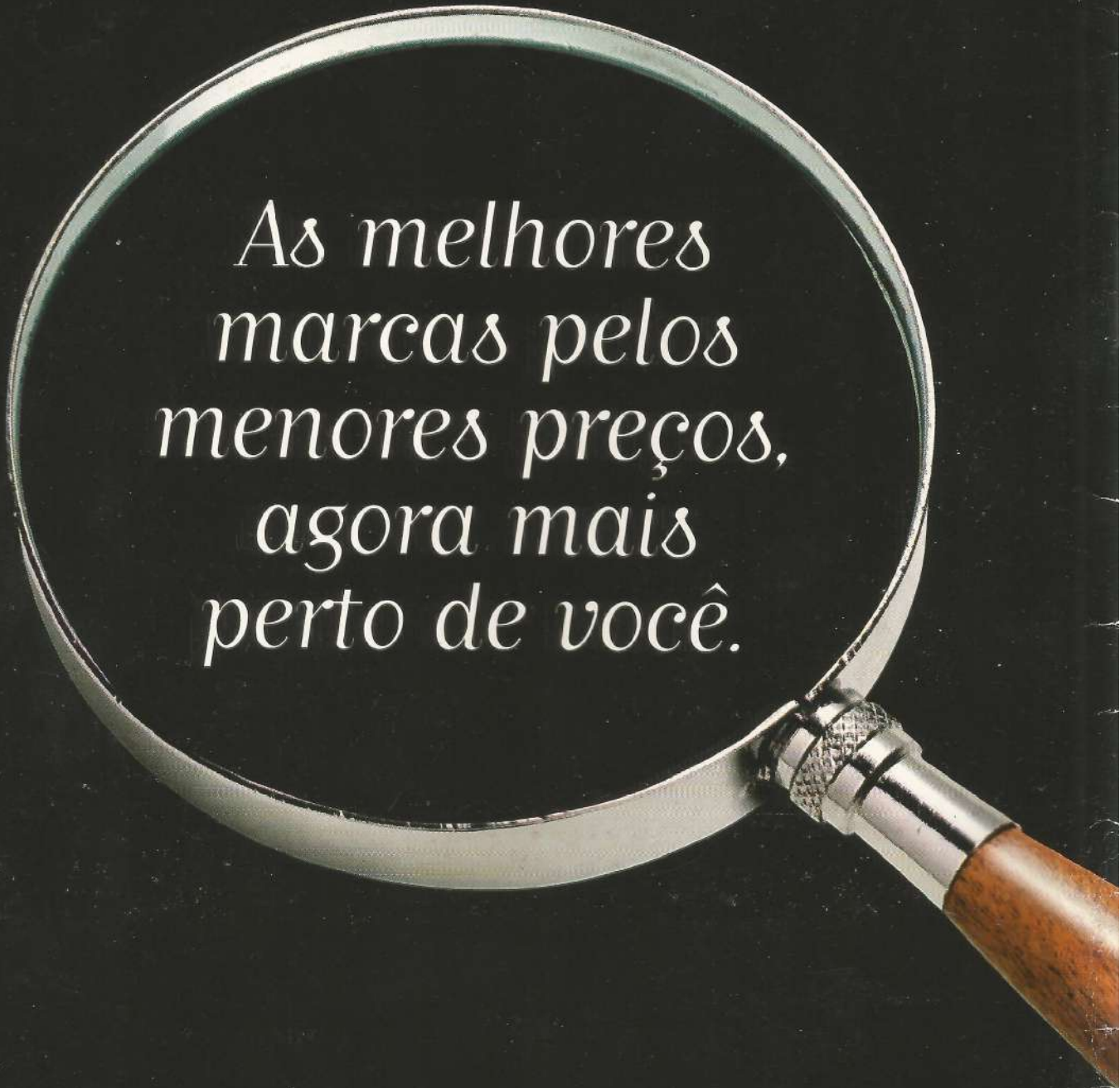


<i>loddigesii</i> Rchb. f	1890	<i>Miltonia flavescens</i>
<i>moreliana</i> Lindl.	1847	<i>Miltonia spectabilis</i> var. <i>moreliana</i>
<i>odorata</i> Lodd. ex Rchb. f	1855	<i>Aspasia lunata</i>
<i>parva</i> C. Schweinf.	1945	<i>Cischweinfia parva</i>
<i>peetersiana</i> Rchb. f	1896	<i>Miltonia bluntii</i>
<i>phalaenopsis</i> Nichols.	1891	<i>Miltoniopsis phalaenopsis</i>
<i>pinellii</i> Rchb. f	1854	<i>Miltonia flava</i>
<i>pulchella</i> Linden	1860	<i>Miltoniopsis phalaenopsis</i>
<i>quadrijuga</i> Dusèn & Krzl.	1921	<i>Anneliesia russeliana</i>
<i>regnelii</i> Rchb.f	1849	<i>Miltonia regnelii</i>
<i>reinchenheimii</i> Rolfe	1904	<i>Miltoniopsis reinchenheimii</i>
<i>roezlii</i> Nichols.	1886	<i>Miltoniopsis roezlii</i>
<i>rosea</i> Verscg. ex Lem.	1867	<i>Miltonia spectabilis</i>
<i>rosina</i> Barb. Rodr.	1877	hib. nat. de <i>spectabilis</i> x <i>cuneata</i>
<i>russeliana</i> Lindl	1840	<i>Anneliesia russeliana</i>
<i>schroderiana</i> O'Brien	1889	<i>Miltonioides schroderiana</i>
<i>speciosa</i> Klotzsch	1855	<i>Anneliesia cuneata</i>
<i>spectabilis</i> Lindl	1837	<i>Miltonia spectabilis</i>
<i>stellata</i> Lindl	1841	<i>Miltonia flavescens</i>
<i>stenoglossa</i> Schltr.	1923	<i>Miltonioides leucomelas</i>
<i>superba</i> Schltr.	1907	<i>Miltoniopsis warscewiczii</i>
<i>velloziana</i> Ruschi & La Giza	1975	<i>Anneliesia cuneata</i>
<i>vexillaria</i> Nichols.	1886	<i>Miltoniopsis vexillaria</i>
<i>warneri</i> Nichols.	1886	<i>Miltonia spectabilis</i> var. <i>moreliana</i>
<i>warscewiczii</i> Rchb. f.	1856	<i>Chamaeleorchis warscewiczii</i>

Causas Possíveis para Murcha ou Aborto de botões de Orquídea

Causa possível	Tratamento
Planta jovem	Elimine todos os botões e aguarde a nova floração
Planta fraca ou mal cultivada	Elimine todos os botões e cuide de fortalecer a planta. Verifique a ocorrência de desidratação e, também, as raízes. Cuide dessas disfunções.
Planta doente	Não há. Para salvar a sua planta, elimine as flores que restarem e trate da planta, curando e fortalecendo. É comum ter que esperar-se dois anos pela nova floração.
Umidade dentro da espata floral	Observação constante do aspecto externo da espata floral permite remover essas espatas antes que os botões se danifiquem. Um dos mais claros sintomas é o amarelecimento da espata
Abertura da espata floral antes do tempo e da formação completa do botão, com penetração de água das regas	Não há. Aguardar a nova floração
Planta com vírus	Não há. Planta com vírus deve ser eliminada da coleção de plantas.
Falta ou insuficiência de rega	Não há. Aguardar a nova floração
Aplicação de produtos químicos, fertilizantes, pesticidas ou fungicidas sobre os botões	Não há. Aguardar a nova floração
Calor excessivo	Não há. Procure refrescar sua planta para evitar desidratação. Floração só no próximo ano

Agora você chega de Nova America com toda segurança,
economizando tempo e dinheiro. Nova America Outlet Shopping.
Agora com acesso direto pela Linha Amarela.



*As melhores
marcas pelos
menores preços,
agora mais
perto de você.*

*Acesso pela Linha Amarela: vindo da Barra - saída 5 • Vindo da Av. Brasil - saída 7.
Avenida Automóvel Clube 126 - Del Castilho • Serviço de Vans - Tel.: 583-1000.*



**NOVA AMÉRICA
OUTLET SHOPPING**